

**A TRAGÉDIA DAS CHUVAS EM PETRÓPOLIS  
PELAS NARRATIVAS DE MULHERES LOCAIS**

*Tamara Campos* (UNIGRANRIO)

[tamara.campos@unigranrio.edu.br](mailto:tamara.campos@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

O temporal que devastou a cidade de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, no dia 15 de fevereiro de 2022, registrou 232 vítimas fatais. De acordo com a Polícia Civil, foram 138 mulheres, 94 homens e 44 menores. Na segunda chuva, no dia 20 de março do mesmo ano, foram registrados o óbito de quatro mulheres e três homens. Segundo IBGE 2021, aproximadamente 53% da população da cidade é composta por mulheres, ao passo que no incidente em fevereiro de 2022, 60% das vítimas fatais eram do sexo feminino. Notícias publicadas em grandes veículos, como *Isto é* e *Agência Brasil*, chamam a atenção para o fato de as maiorias das vítimas serem mulheres, sem, no entanto, buscarem explicações para o fato. A fim de compreender a perspectiva feminina da tragédia e tentar ter alguma pista de o porquê de as mulheres terem sido a maior parte das vítimas, este artigo analisa as narrativas de duas mulheres que foram voluntárias e interagiram com centenas de vítimas, buscando entender as variáveis que ajudariam a explicar a mortalidade feminina em maior escala. Também será abordado a relação das mulheres com a chuva na cidade, inclusive no voluntariado e socorro às vítimas.

**Palavras-chave:**

**Chuva. Mulheres. Petrópolis.**

**ABSTRACT**

The storm that devastated the city of Petrópolis, in the mountainous region of Rio de Janeiro, on February 15, 2022, recorded 232 fatalities. According to the Civil Police, there were 138 women, 94 men and 44 children. In the second rain, on March 20 of the same year, four women and three men died. According to IBGE 2021, approximately 53% of the city's population is composed of women, while in the incident in February 2022, 60% of the fatal victims were female. News published in major vehicles, such as *Isto é* and *AgênciaBrasil*, call attention to the fact that most victims are women, without, however, seeking explanations for the fact. In order to understand the female perspective of the tragedy and try to get some clue as to why women were the most victims, this article analyzes the narratives of two women who were volunteers and interacted with hundreds of victims, seeking to understand the variables that would help to explain female mortality on a larger scale. The relationship of women with rain in the city will also be addressed, including volunteering and helping victims.

**Keywords:**

**Petrópolis. Storm. Women.**

## **1. Introdução**

Cento e sessenta anos antes das grandes chuvas que deixaram 240 vítimas em Petrópolis, em 2022, o imperador Dom Pedro II relatou em seu diário sobre uma grande enchente que atingiu o Centro da cidade, localidade mais afetada este ano. Há vários registros de chuvas ao longo do século XIX, com ao menos 9 episódios registrados de 1834 a 1897. No século XX, há enchentes registradas em 1902, 1903, 1904 e várias na década de 30. Mais recentemente, as chuvas mais fortes ocorreram em 1965, 1966, 1988 e 2011.

Mas algo sem precedentes ocorreu em 2022. Duas grandes chuvas com um intervalo de um mês castigaram a cidade; a primeira em 15/02/2022, com 233 vítimas fatais, e a segunda no dia 20/03/2022, com sete mortos registrados. Além disso, cerca de 1000 pessoas ficaram desabrigadas e várias continuaram residindo em casas condenadas pelo poder público, por falta de opção.

Alguns veículos noticiosos chamaram a atenção para o fato de a maior parte das vítimas serem mulheres, mas o fato não é debatido, e apenas aparece em tom factual, sem contextualização, explicações ou falas de especialistas ou mulheres atingidas direta ou indiretamente pelas chuvas.

O objetivo deste artigo é permitir que mulheres afetadas direta e indiretamente pela chuva possam falar da relação das mulheres com as tragédias ocorridas, buscando iluminar o porquê da maioria das vítimas serem mulheres e a relação do feminino com o ocorrido. Para tal, foram feitas duas entrevistas: com Larissa Eira do Amaral, que acabou se tornando voluntárias para ajudar as vítimas, e Josiana da Costa da Silva Correia, que teve sua casa condenada e sua comunidade arrasada na chuva, tendo virado uma liderança local no amparo dos moradores. As mesmas tiveram contato com centenas de pessoas atingidas diretamente pelas chuvas desde fevereiro, razão que explica a escolha delas enquanto entrevistas, pois têm a capacidade de fazer ressoar a história de muitas outras. As duas mulheres continuam amparando as vítimas desde a primeira chuva em fevereiro até o presente momento, e afirmam que não desejam parar o trabalho.

## **2. Metodologia**

Duas entrevistas foram realizadas em simultâneo em uma cafete-

ria, no centro de Petrópolis, a partir de roteiro semiestruturado, cujas perguntas questionavam se as mulheres foram afetadas pelas chuvas e como, se elas conheciam outras pessoas que sofreram devido às enchentes, se teriam algum explicação que ajudasse a entender o porquê da maioria das vítimas serem mulheres ou se julgavam ser coincidência e se elas perceberam mais engajamento de homens e mulheres no socorro às vítimas ou se acharam que o envolvimento de homens e mulheres foi proporcional.

As entrevistas com Larissa Eira e Josiana foram gravadas e duraram 1h20 minutos. A visão de entrevista defendida segue uma linha construtivista (MISHLER, 1986; 2002; BASTOS, 2005; 2013). Fundamentalmente, as críticas construtivistas contestavam a ideia de entrevistas estruturadas, baseadas em um padrão de pergunta/resposta, sendo a primeira responsável por determinar/circunscrever a segunda. Há o enfoque do discurso como força que constrói a realidade e os significados negociados ao longo da entrevista ajudam os participantes a se (re) posicionarem e a (re)construírem a própria entrevista.

A ideia de mão dupla do tempo, empregada por Mishler (2002), é interessante para percebemos essa reatualização do passado. O autor propõe que as narrativas, ao serem analisadas pela metáfora da mão dupla do tempo, a qual ele toma emprestado de Paul Ricoeur (1980, p. 180), escapam do modelo típico de causa temporal linear.

Uma visão mais tradicional da entrevista, em que entrevistado aparece como fonte de coleta de dados é limitada, não dá conta da complexidade desse evento interacional, no qual os dois falantes “articulam a produção de identidades sociais” (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 11). O entrevistado não é apenas um transmissor de informações desejadas pelo entrevistador, enquanto este último seria o diretor da entrevista. Ambos os falantes coconstróem a entrevista ao longo do evento e negociam para definir a situação (Cf. GOFFMAN, 2012) e as tentativas de apresentação de si (Cf. GOFFMAN, 1985).

A concepção de entrevistador defendida é a de alguém sensível ao entrevistado e este pode interferir, fazer perguntas não previstas. Um roteiro não precisa ser seguido, e o objetivo não é o de controlar o encontro, mas o de promover uma abertura para que o entrevistado tenha espaço para construir e recriar suas histórias e experiências.

Por essas razões defendo a ideia de que o entrevistado deve ser colocado a par do que versa a pesquisa e quais os tópicos serão discuti-

dos de forma a ter mais condições de se posicionar ao longo do encontro, em vez de ser conduzido. Fiz esse procedimento nas entrevistas, até porque as entrevistas apresentavam sinais de nervosismo. Na seção posterior, trago as perguntas que foram feitas. Também conversei previamente por uns 5 minutos antes de começar a gravar, de forma a construir um ambiente confortável para as entrevistas.

Após as conversas, as entrevistas foram transcritas, de forma a permitir a análise das narrativas, cujas falas vão ser trazidas ao longo do artigo.

### **3. *Análise das entrevistas***

Antes das entrevistas, expliquei que seria uma conversa e que perguntaria sobre a experiência de cada uma com as chuvas, como foram impactadas, como elas se envolveram com o trabalho de socorro às vítimas, se elas ainda estavam atuando e se elas saberiam apontar o porquê de as mulheres serem mais afetadas. Mas antes de entrarmos nas narrativas, de fato, vale trazer uma breve apresentação de cada interagente.

#### **3.1. *Sobre as entrevistadas***

As três entrevistadas são mulheres, em faixas etárias distintas, classe sociais diferentes, residem em postos distintos na cidade e exerceram diferentes papéis e atuações na tragédia das enchentes.

#### **3.2. *Larissa Eira***

Larissa tem 26 anos, é recém-formada em jornalismo por uma universidade em Petrópolis e não trabalhava e nem estudava quando ocorreram as enchentes. De família de classe média, acabou indo a pública Escola Leonardo Boff, para saber como poderia ajudar. Acabou se engajando na ajuda às vítimas e conseguiu utilizar a estrutura da escola, que na época estava sem aulas presenciais, para preparar quentinhas e lanches para famílias que perderam tudo.

A merendeira e várias professoras da escola ajudaram no preparo dos alimentos e mais de 3 mil quentinhas foram doadas. O dinheiro para compra dos alimentos foi arrecadado via PIX e, inicialmente, a partir de uma rede de amigos. Cerca de 150 motoboys colaboram por cerca de du-

as semanas, pois muitas áreas eram inacessíveis de carro, fora que o trânsito na cidade como um todo ficou caótico porque muitas pessoas vinham do Rio de Janeiro e outras cidades para ajudar, mas acabam atrapalhando a logística e dificultando com que as pessoas que estavam ilhadas pudessem receber os alimentos. Depois das duas semanas mais caóticas, um morador da 24 de maio, uma das regiões mais atingidas, buscava todos os dias de carro as quentinhas para distribuir para a comunidade. E quem fazia essa distribuição era a outra entrevistada, a Josiana.

### **3.2.1. Josianada Costa da Silva Correia**

Josiana mora na interseção entre as ruas 1º de maio e 24 de maio, região há cerca de 2 km do centro da cidade. Ela tem 40 anos, é costureira, casada e têm dois filhos, uma de 21 e um outro de quatro anos. Tem o Ensino Médio Completo e chegou a iniciar um curso de graduação EAD, em Serviço Social, mas teve que trancar por problemas financeiros.

Josiana teve a sua casa própria condenada, pois está em área de risco, mas, como a casa não foi afetada estruturalmente, ela tem que ficar na fila de espera. Chegou a morar junto com outras pessoas de favor em um prédio que estava vazio por uma semana, mas depois precisou voltar para a casa por falta de opção. Apesar de a recomendação da prefeitura, ela alega que não tem para onde ir com o marido e os dois filhos.

Ela ainda falou do fato de você sair e as pessoas saquearem a sua casa e que os moradores se revezavam em rondas, para vigiar as casas de moradores que estavam em parentes ou abrigos, para evitar tais saques, mas que era difícil conseguir evitar totalmente.

Josiana, assim, continua no local, uma servidão na qual toda a família dela mora, além da família nuclear. Ela acabou se tornando uma liderança e ajuda a comunidade, utilizando a garagem que um vizinho cedeu para arrecadar e distribuir doações. Ela conhece mais de 30 pessoas que faleceram na cidade, em diferentes regiões, entre amigos e conhecidos. No local que Josiana mora, uma moça, um homem e uma criança de dois anos que morreram.

### **3.3. As narrativas**

A primeira pergunta feita a Josiana e Larissa foi como elas foram afetadas pela chuva:

Josiana descreve a experiência como algo instintivo e que não foi planejado, conforme quadro abaixo.

Quadro 1: O engajamento inicial de Josiana.

No dia da chuva demorei a ter contato com meu marido porque o celular dele descarregou e cheguei a sair de casa com uma lanterna para procurá-lo. Graças a deus não perdi ninguém da minha família. No dia seguinte, eu estava agoniada e não conseguia ficar parada em casa. Falei para o meu esposo que eu estava ansiosa e ia sair e não tinha hora para voltar. Desci o morro e ainda nem tinha ponto de apoio, mas fui indo com lanterna junto com a minha filha para ver se tinha alguém em casa e para levar vela e café. Fui na igreja batista perto de casa e disse que as pessoas precisavam de água. Consegui ali a primeira doação. Fiz um vídeo e postei nas redes sociais pedindo doações para meus amigos e começou a chegar as coisas.

Fonte: Transcrição entrevista Josiana. Acervo pessoal autora.

Da mesma forma que Josiana relata um protagonismo feminino no auxílio ao próximo, quando ela explica que ela e a filha foram ajudar sem nem saber ao certo o que estava fazendo e que ela teve que convencer o marido de que ela precisava ir.

Quadro 2: O engajamento inicial de Josiana.

Aí depois comecei a ajudar no ponto de apoio na escola Escola Estadual Prof Augusto Meschick. O problema é que tinha uma viga enorme ameaçando desabar ali na frente da escola. Então a gente fazia as doações correndo, com medo de chover e tudo desabar. Aí comecei a receber doações na garagem de um vizinho, pois o acesso a minha casa é a partir do terreno desse vizinho. Fiquei até com medo de elequerer cobrar por isso, mas ele deixou que eu usasse o espaço, que acabou virando uma espécie de ponto de apoio para as cercas de 1mil pessoas afetadas no local. Mas tudo foi acontecendo naturalmente (...) Meu marido falava que era a hora de parar, mas eu não conseguia parar.

Fonte: Transcrição entrevista Josiana. Acervo pessoal autora.

A mulher, com a reorganização da esfera privada segundo interesses do mercado capitalista, fica relegada ao trabalho doméstico, como cuidadoras remuneradas. Dessa maneira, a mulher é socializada para cuidar, mas as consequências da globalização do cuidado são a violência simbólica que capitalismo exerce sobre a dona de casa e consequente inviabilização da exploração sofrida no ambiente privado do lar. Na realidade, as mulheres nem mesmo se percebem num “processo de dominação” (BOURDIEU, 2012).

Silvia Federicci (2019) afirma que “o trabalho reprodutivo e doméstico da dona de casa é o motor que mantém o mundo em constante

movimento”. A ideia é que a mulher, presa aos mandos do patriarcado e do capitalismo, supra as diversas necessidades do marido-proletário (fisiológicas, alimentação, limpeza, vestimenta, atividade sexual), pois, desta maneira, esse trabalhador pode ser mais explorado no processo de produção capitalista.

Larissa também descreve sua atuação como algo instintivo e acrescenta que percebe mais envolvimento feminino que masculino na ajuda às vítimas.

Quadro 3: o engajamento inicial de Larissa.

Apareci na escola e ofereci ajuda. Não podia ficar parada em casa. Quando eu era criança, lembro de um natal que pessoas morreram por causa da chuva. Também lembro que meus pais não fizeram ceia e cozinham para os que precisavam. Acho que isso me marcou. Lá na escola, começamos um movimento que contou com a colaboração de várias pessoas, desde a merendeira, que mesmo com o presencial parado continuou trabalhando para preparar as quentinhas para os desabrigados, como as professoras que participaram do mutirão, ajudando na cozinha e embalagem dos alimentos. Também tivemos ajuda de homens maravilhosos, como o russo, que duas vezes por dia vinha buscar as quentinhas e lanches e levar para a Josiana distribuir. Ele pegava o carro emprestado e pagava o combustível do próprio bolso.

Fonte: Transcrição entrevista Larissa. Acervo pessoal autora.

De certa forma, tanto Josiana, no quadro1, quanto Larissa, no quadro 3, constroem suas fachadas (Goffman, 1985) como mulheres que não sabiam bem como ajudar, mas que não conseguiam ficar sem fazer nada diante da situação, como visível no relato de Josiana que “no dia seguinte, eu estava agoniada e não conseguia ficar parada em casa”. Já na narrativa de Larissa, ela diz: “apareci na escola e ofereci ajuda, pois sentia que não podia ficar parada em casa”. A ideia de ficar parada em casa incomodava as duas mulheres.

Talvez esse forte ímpeto de um trabalho voluntário e não remunerado possa ter alguma relação com a questão do cuidado, resultante de uma socialização que tende a eleger a o lar como o local da mulher, em especial mulheres mais pobres e com menos instrução e poder aquisitivo, pois o cuidado foi transformado em “um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina” (Federici, 2019, p. 43). Lembremo-nos que o próprio trabalho doméstico é destinado às mulheres por não ser remunerado.

Percebemos a resistência do marido de Josiana no quadro 2,

quando ela diz que “Meu marido falava que era a hora de parar, mas eu não conseguia parar. E essa ideia de querer parar o voluntariado também aparece na fala de Larissa, no próximo quadro, quando ela conta que (...) sinto que ainda não posso parar. Quando vejo já estou fazendo”.

Quadro 4: o voluntariado de Larissa.

Alguns motoboys também ajudaram por duas semanas, pois era muito trânsito e as doações não chegavam nas pessoas, que estavam ilhadas e moravam em locais de difícil acesso e muito afetados. Depois de um mês direto em função de ajudar os outros eu estava esgotada e queria para, mas um amigo conseguiu alguns fogões e geladeiras e pediu que eu ajudasse na distribuição. Já estou há mais de dois meses basicamente só vivendo em função disso e sinto que ainda não posso parar. Quando vejo já estou fazendo.

Fonte: Transcrição entrevista Larissa. Acervo pessoal autora.

As duas já estão há mais de dois meses com atuação intensa no voluntariado. Josiana, que ficou uma semana sem ir trabalhar após a chuva de fevereiro, pois sua área ficou intransitável, depois voltou a trabalhar, mas continua dando assistência como consegue e mostrou, inclusive, várias mensagens de celular de diferentes pessoas, com pedidos de ajuda que incluem alimento, roupas, móveis, remédios.

Quadro 5: Sobre como Josiana ajudou e a má índole de alguns.

O pessoal me caça no celular, em casa e até no trabalho. Eu cheguei a subir com muitas bolsas e alimentos para lugares mais difíceis, pois os carros não chegam. Levei até colchão nas costas para os outros, caixa de papelão com as quentinhas. Porque tinha gente pegando as quentinhas para vender. O que as pessoas não entendem, é que infelizmente, tem gente de muita má índole, então tinha gente que pegava quentinha e acabava vendendo por R\$ 10,00 ou então que pegava e nem precisava tanto. E teve gente que ficou ilhada por mais de uma semana e não tinha como comer. E o pessoal que não é da comunidade não tem culpa porque não conhece as pessoas.

Fonte: Transcrição entrevista Josiana. Acervo pessoal autora.

Da mesma maneira que Josiana, no quadro 5, expressa a desonestidade de alguns e a importância de ter alguém da comunidade que conheça as pessoas e saiba para quem efetivamente direcionar a ajuda, Larissa, no próximo quadro, aborda a questão da confiança/desconfiança, quando explica que somente direcionava os alimentos para Josiana, distribuir nas Ruas 1º de maio e 24 de maio, e a líder comunitária Edna, responsável por ajudar os moradores de Caxambu, outra região severamente afetada pelas chuvas.

Quadro 6: Sobre como Larissa ajudou.

Ficamos fazendo as quentinhas por um mês, mas, com o retorno do ensino presencial, não podíamos mais usar a cozinha da escola para preparar as refeições. Mas continuamos fazendo os lanches e enviado tanto para a 1º de maio e 24 de maio, quanto para o Caxambu. Entregamos para Josiana os lanches da 1º e 24 de maio e para a Dona Edna, líder comunitário do Caxambu, pois são pessoas que nós conseguimos acreditar. Até hoje estamos produzindo os lanches com dinheiro de doação, mas está chegando pouca coisa agora. Mas enquanto conseguirmos algo vamos preparar e enviar os lanches.

Fonte: Transcrição entrevista Larissa. Acervo pessoal autora.

Quando questionei Josiana e Larissa sobre a maior taxa de mortalidade feminina nas chuvas, se elas saberiam explicar a razão disso, se tinham alguma hipótese, Josiana explicou:

Quadro 7: Causas da maior morte de mulheres em detrimento de homens.

Eu acho que tem muita mulher em casa porque o desemprego estava muito grande. A pandemia piorou muito isso. E aí a mulher precisa ficar em casa para tomar conta dos filhos, até porque está muito difícil conseguir vaga em creche. Então não tem jeito. Aí a mulher acaba ficando em casa. As que são casadas o marido sustenta. As que não são dependem de caridade, projeto social e auxílio do governo.

Fonte: Transcrição entrevista Josiana. Acervo pessoal autora.

Larissa concordou com a explicação de Josiana e disse também achava que era para tomar conta das crianças.

Quadro 8: Causas da maior morte de mulheres em detrimento de homens.

Eu concordo que as mulheres tenham sido as maiores vítimas, além das crianças, porque estavam em casa. E eu percebo esse engajamento maior feminino também no voluntariado. Inclusive uma pesquisa encomendada pela Volunteer constata que 80% dos voluntários são mulheres.

Fonte: Transcrição entrevista Larissa. Acervo pessoal autora.

A ideia do artigo é possibilitar a fala de mulheres que viveram o drama de dentro, como o caso da Josiana ou de forma mais indireta, como a Larissa. As duas, no entanto, interagiram com centenas de pessoas ao longo desses dois meses e, suas opiniões, de certa forma, ecoam a voz de várias outras mulheres.

Se somarmos os números de mulheres aos de crianças que morreram, nas duas enchentes, temos 186 vítimas (142 mulheres e 44 crianças), contra 97 homens. Desse modo, mulheres e crianças somam 66% das vítimas fatais, o que pode apontar um problema de gênero nessa tra-

gédia.

Ao abordar a questão do feminicídio, Rita Segato(2012) chama a atenção para o que ela nomeia de “processo do encapsulamento da domesticidade” como vida privada. A mulher, ao ficar confinada ao espaço doméstico, tem sua capacidade de participação em decisões políticas e que afetam à coletividade reduzida. E esta ruptura do vínculo entre as mulheres e alianças políticas é fatal para a segurança feminina, pois estas ficam cada vez mais vulneráveis à violência masculina, potencializada pelo estresse causado pela pressão exercida sobre os homens no mundo exterior (Cf. SEGATO, 2012). Embora não estejamos lidando com feminicídio, propriamente, entendemos que, nesse caso específico dos temporais, a morte mais expressiva de mulheres e crianças parece ser uma consequência desse confinamento compulsivo ao espaço doméstico, um espaço residual que deixa a mulher à margem de assuntos tidos como relevantes e universais.

Outras interseções se fazem presentes, como classe social e raça, mas seria necessário realizar um censo para mapear esses pontos. Esperamos, com esse artigo, chamar a atenção para o fato e, quem sabe, contribuir para que outras pesquisas sejam feitas, pois há muito a ser feito, como fica nítido na fala de Josiana, ao explicar o atual estágio da comunidade.

Quadro 9: O sentimento de abandono.

Meu medo era acontecer o que está acontecendo agora. Acabou a mídia, aí a ajuda para de chegar. Não temos mais basicamente nada e, como não temos associação de moradores na 1º de maio, ficamos meio abandonados. O povo acha que está tudo lindo e maravilhoso, até porque limparam o centro histórico, mas sobe lá para ver a realidade. Chove e a gente não dorme. Eu fico a noite inteira acordada. Todo dia, assim que acorda, meu filho me pergunta se está dia de sol ou dia de chuva. É muito triste viver com medo. Tem muitas pedras imensas lá. Nossa briga está sendo essa. Porque a gente não tem associação de moradores e falam que é o governo do estado que tem que tirar as pedras. Mas e a prefeitura? A gente está por deus.

Fonte: Transcrição entrevista Josiana. Acervo pessoal autora.

O relato de Josiana demonstra que muitos da comunidade estão em risco de morte iminente e revelam uma política pública petropolitana que parece estabelecer diálogo com a necropolítica (MBEMBE,2016), cujo sentido relava “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (p. 146). Esta noção parece ajudar a te reconhecer, nas mortes não só das mulheres, crianças, mas todos os afetados pelas chu-

vas, uma face seletiva de produção de morte constitutiva da modernidade.

#### **4. Considerações finais**

A pretensão do presente artigo não foi dar uma explicação absoluta para o fato divulgado por alguns veículos de comunicação de que as mulheres morreram mais que os homens nas enchentes de Petrópolis, mas apenas problematizar um pouco a questão, dando oportunidades para que duas mulheres, que interagiram com centenas de outras moradoras e vítimas diretas e indiretas das chuvas, pudessem falar um pouco e permitir a compreensão da tragédia na perspectiva de quem efetivamente viveu. Mas que isso, a ideia era ter um pouco a perspectiva feminina a partir das narrativas das entrevistadas. Tanto Josiana quanto Larissa narram seu início de trabalho no socorro às vítimas como algo que ocorreu por elas não conseguirem ficar paradas. As duas saíram de suas casas sem saber exatamente como iriam ajudar e impactaram centenas de famílias.

Outro ponto em comum na fala das duas era a vontade de ajudar, como também o receio de pessoas desonestas tirarem vantagem, nítido na fala de Josiana sobre algumas pessoas pegaram quentinha para vender e quando Larissa explica que só entregava para pessoas específicas.

Quando questionadas sobre o maior índice de mortes femininas, Josiana atribui ao desemprego que foi agravado, por conta da pandemia, o fato de muitas mulheres estarem em casa, assim como a questão de tomar conta dos filhos. Larissa concorda com a questão de as mulheres estarem mais em casa e cuidar dos filhos, embora não mencione a questão do desemprego, talvez até por integrar a classe média, diferentemente de Josiana. Mas Larissa chama a atenção para a maior participação das mulheres no voluntariado. O quadro geral parece sinalizar para uma maior tendência das mulheres atuarem no amparo/cuidado ao próximo, no cenário petropolitano, o que parece dialogar com uma questão de gênero, no sentido de as mulheres serem socializadas para cuidar da casa, do marido, dos filhos.

Que o relato de abandono e risco de morte constante de Josiana se amplifique e se transforme em políticas públicas que consigam sanar o presente e prevenir tragédias no futuro. Medidas de limpeza de terra, retirada de pedras e contenção de barreiras são urgentes, mas há que se criar fontes de renda e maior empregabilidade para os afetados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Liliana; SANTOS, William. Introdução. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *A entrevista em pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Quarter, Faperj, 2013, p. 9-18.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. A entrevista na pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio da Janeiro: Quarter, Faperj, 2013, p. 21-35

\_\_\_\_\_. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, n. 2, v. 3, p. 74-87. São Leopoldo: Universidade Vale do Rio dos Sinos, 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/21840738/Contando\\_estórias\\_em\\_con textos\\_espontâneos\\_e\\_institucionais\\_-\\_uma\\_introdução\\_ao\\_estudo\\_da\\_narrativa](https://www.academia.edu/21840738/Contando_estórias_em_con_textos_espontâneos_e_institucionais_-_uma_introdução_ao_estudo_da_narrativa). Acesso em 10/04/2022.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução*. São Paulo: Elefante, 2019.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios. Revista do PPGAV*, n. 32, p. 123-51, Niterói, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 23/04/2022.

MISHLER, Eliot. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L.P.; BASTOS, L.C. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, CNPq, 2002. p. 97-119.

\_\_\_\_\_. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

RICOEUR, Paul. Narrative Time. *Critical Inquiry*, n. 7, v. 1, p. 169-90. Chicago: Chigaco Journal, 1980. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/294512/mod\\_resource/content/1/1980%20Ricoeur-1.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/294512/mod_resource/content/1/1980%20Ricoeur-1.pdf). Acesso em: 19/04/2022.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES*, n. 18, p. 105-31. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 22/04/2022.